

FALLA,
QUE FEZ O D. ANTONIO
DE SOUSA DE MACEDO,

do Conselho da Fazenda de Sua Magestade,

NO IVRAMENTO DE REY DO MVITO ALTO, E MVITO
Poderoso Dom AFFONSO VI. nosso Senhor.

9
~~17~~
181
56 22



Anno

1656.



EM QVARTA FEIRA 15. DE NOVEMBRO 1656;

17

MUITO ALTO, MUITO

Poderoso, & muito excellente

Principe.



EM razão se queixa o genero humano da natureza não izentar da morte hum fogeito quasi diuino, que traz sempre o rosto no Ceo em final de sua preeminencia, quando a Virtude, que he só o bẽ do homem, fica immortal. O morrer, antes he beneficio da natureza, porque assegura a gloria da virtude, acabandose os riscos de cahir no infalliuel de hauer perseuerado, & nascendo os applausos só da justiça, pois nem a morte os pòde sepultar, nem a adulação serue aos mortos. Por isto os Panegyricos nas exequias de hum Varão illustre nunca são tristes; para celebrarem sua immortalidade referem suas acções, & não ha cousa mais indigna de tristeza, que a relação de acções generosas. Quẽ chorar em sua morte não deuera alegrarse em sua vida, pois a via tão fogeita à causa das lagrimas; não morrera senão fora mortal; & se chorarmos, porque o era não teremos razão, pois ja deixou de ser o que não queriamos, & começou a ser o que queremos.

Em nenhum Heroe se verificou isto tão propriamente como naquelle assumpto da fama, nosso Restaurador,

&

na prudencia, hum **Mianoci** na resolução, hum **João III.**,
no amor, hum **Sebastião** na magnanimidade, hum **Hen-**
rique na deuação, & hum **João IV.** na boa fortuna; pois
ainda q̃ as altas virtudes daquelles Principes pareço
inimitaveis; nada he impossivel a hum espirito genero-
so; que se o fora, desmaiara o Emperador **Theodosto**
lembrandose de **Seuero**, **Seuero** de **Marco Aurelio**,
Marco Aurelio de **Antonino Pio**, **Antonino** de **Traja-**
no, **Traiano** de **Tito**, **Tito** de **Augusto**, **Augusto** de **Ce-**
sar, **Cesar** de **Scipião**, **Scipião** de **Quinto Fabio**, **Quinto**
Fabio de **Marcello**, & **Marcello** de **Furio Camillo**; &
assi **V. A.** ainda que seu grande Pay fez muito, não se ha
de contentar sem fazer muito mais.

Nesta confiança os tres Estados do Reyno, Ecclesia-
sticos, Nobreza, & Povo, todos juntos, & cada hum per-
si, os presentes em nosso nome, & em nome dos ausen-
tes, que hoje faõ, & feraõ ao diante, tendo a **V. A. R.** por
centro de nossa vontade, vontade de nosso amor, amor
de nossa gloria, gloria de nosso Reyno, em observancia
do juramento feito nas vltimas Cortes, & de nouo, se
necessario he, pella melhor via, & forma de direito cõ-
mum, & de nossas leys solememente aceitamos, & ju-
ramos a **V. Magestade** por nosso Rey, & Senhor natu-
ral, como filho primogenito, & herdeiro, que he do Se-
nhor Rey **D. João o IV.** de saudosa memoria, que Deos
tenha no Ceo nosso legitimo Rey, & lhe prometemos o
respeito, obediencia, & deveres, que como a tal se lhe
deuem legitimamente; esperando que Vossa Magesta-
de nos guardara as nossas leys, fóros, & priuilegios, man-

tendonos, & defendendonos em justiça como Deos manda, & conforme aos juramentos feitos; & esperamos mais que Vossa Magestade honre aos grandes, ame aos meãos, ajude aos pequenos, & abraçando as Reaes qualidades, que constituê hum perfeito Principe, seja affaue, clemente, forte, justo, liberal, moderado, verdadeiro, procure bõs Miuistros, resolua com ponderação, & execute com diligencia, seguindo sempre os ditames de seus Conselhos, & Tribunaes, porque (como disse hum grande Politico) hum, ou dous facilmente podem enganar, ou ser enganados, mas nunca houue quem enganasse a muitos, nem muitos enganaraõ a alguem; & sobre tudo esperamos, que Vossa Magestade estará sempre muito foyeito ao temor diuino, & obediẽte à sancta. Sè Apostolica, cantandose a hum tẽpo os triumphos de suas armas, & os despojos de sua piedade; que como a flor não dura fóra de seu ramo, nem o ramo fóra de seu tronco, nẽ o tronco fóra de sua raiz por quem viue; assi o Rey não pôde subsistir fóra de seu Deos por quem reyna, fóra de Deos fabrica, ou torres de Babel para sua confusão, ou estatuas com pès de barro para sua ruina; mas estando Vossa Magestade com a tenção em Deos, não tem porque temer a fortuna, que não pôde tirar o que não deu; persistirà, governará, triumphará seruido, não leuantado, della; & deixará depois de largos annos successores gloriosos com alegria dos subditos, parabês dos aliados, admiração dos estranhos, terror dos inimigos.

Illustres, & leaes Porruguezes ! bem sei que primei-

ro nos

& Pay da patria, naquelle Joaõ insigne, Principe verdadeiramente illustre, Rey memoravel, cuja vida nos foi liberdade gloriosa, cuja morte lhe conferua nome immortal.

Se eu tiuera cem bocas, como cantaua Virgilio: se todo me conuetera em linguas, como desejava Hieronymo: se fallara com as linguas dos homens, & dos Anjos, como dizia Paulo, nunca chegara a explicar a gloria da liberdade que nos deu com sua vida o poderoso braço de Deos. Passo à immortalidade de sua fama. Immortalizouse pellas acçoês da vida: Immortalizouse pellos filhos em que se continua: Immortalizouse em nossa obrigação, pois não satisfeito cõ fazernos felices em quanto durou, nos deixou herdeiro, em que nos segurou felicidades tambem para depois de si.

Não careceo de mysterio a occasião em que Vossa A. R. nasceo; retinhão, ou matauão os Castelhanos em prizão dura ao Serenissimo Infante Dom Duarte innocente, só para attenuarem a Real Casa Portugueza; mas ah! que a justiça he hũa flor que não se murcha, he hũa faude que não adoece, hũa vida que não morre, hũa serenidade que não se turba, hum Sol que não se poem, hũa Lua que não se eclipsa, hum mar que não se altera, & hũ porto onde ninguem periga; que muito que Portugal, com tal escudo contra os golpes, com tal antidoto contra o veneno, sobre tal rocha contra a tempestade, venceffe aquelle danado intento? No mesmo tempo nos deu o Ceo a

V.A.R.

V. A. R. & ordenou se chamasse Affonso, para q̄ nossos contrarios entendessem que começaua a geração de nosso primeiro Rey, quando elles pretendião attenualla: *In ipsa attenuatâ ego respiciam, & videbo.* E ordenou também que fosse sexto Affonso, para que nos lembrássemos, que em outro Affonso VI. pay da Rainha Dona Thereza se diuidio Portugal de Castella, para nunca mais se tornar a vnir. Omnipotencia infinita, Sabedoria incomprehensivel, governadora do Vniuerso, guida da natureza, freo da fortuna, exemplar do destino! tu reges a reuoluçãõ dos Ceos, & o repouzo da terra, ajutas a presciencia com a contingencia, & nosso aliudrio com teus decretos; dilatas a vniãde por numeros, & a eternidade por tempos; & pella continuaçãõ de tantos milagres tiras o espanto dellas ao humano entendimẽto; mas se se considera o que vimos, & vemos em Portugal, he força admirar nouamente a alta prouidẽcia, a soberana piedade, que fez nossos inimigos instrumento de nosso remedio.

Esendonos V. A. affidado por Deos, quem duuida que fõem sua Real pessoa lograremos vnidas todas as excellencias, que se repartirão entre seus grandes auos, & predecessores? lograremos hum Affonso Henriques na religião, hum Sancho I. na piedade, hum Affonso II. na prouidencia, hum Sancho II. na benignidade, hum Affonso III. na industria, hum Dionysio na liberalidade; hum Affonso IV. na fortaleza, hum Pedro na justiça, hum Fernando no esplendor, hum Ioão I. na cõstancia, hum Duarte no zello, hum Affonso V. no valor, hum Ioão II. na pru-

rõ nos faltaraõ lagrimas, que causas vrgentissimas de chorar o bem perdido; mas, sem accular os affectos da compaixaõ, pois saõ naturaes; sem condenar os excessos do amor, pois saõ disculpaveis, no sentir ha diferenca; a brandura do animo he generosidade, a tristeza do spirito he fraqueza, a dor que se ajusta com a razãõ he de sabio, a que se fogeita à fortuna he de imprudete; os pusilanimes assistem lastimosos, não proueitosos: choraõ o mal, mas não o aliuiaõ; os esforçados não lançaõ lagrimas, porẽm soccorrenas: com rosto sereno, & coraçãõ quieto, se mostraõ mais vteis, que afligidos.

A vista pois da gloria desta immortalidade com que o Pay viue continuado no Filho, não degenerate o sentimento da obrigaçãõ, o que deuemos a nosso Rey nos obriga a animarmonos; nossos Reys nunca saõ mininos; o Rey dos Planetas logo em nascendo chega ao Occidente com seus rayos

*Rey tendes tal, que se valax tiverdes
 Igual ao Rey que agora lenantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes.*

Tratemos sõ de o seruir com as fazendas, & com as vidas; assi o protestamos, Senhor; tudo offerecemos ao seruiço de Vossa Magestade, & prometemos que andará em competencia nosso obsequio com vosso amor, duuidando o mundo quem he mais venturoso, se Vossa Magestade em ter taes Vassallos, ou seus Vassallos em lograrem tal Rey?

E vòs,

de E vós, eterna Verdade, Verdadeira justiça, justo Fir-
dador dos Imperios, em cuja sò protecção viuẽ os Reis,
& mais particularmente os Portuguezes; vós que desse
assento soberano vedes nossa necessidade, & a justifica-
ção de nossos intentos; mostrai, Senhor Deos, que não
desempareis a razão; dai comprimẽto a vossas promes-
sas, cõheção as gentes quão acertados andamos em
confiar só em vós, assista vossa luz ao pio zelo da Rainha
Regente; exaltrai nosso Rey para exaltação, & propaga-
ção da Fè sancta; & gloria vossa, que he o que princi-
palmente pretendemos.

Pode correr este papel. Lisboa 28.
de Nouembro de 1656.
Pacheco. Diogo de Sousa. Rocha.

TAixão esta Falla em dez reis. Lis-
boa 29. de Nouembro de 1656.
Pacheco. Mattos. Garualha.

L I S B O A
*Na Officina de Henrique Valente
de Oliveira.*